



Ex-alunos do Colégio São Vicente: engajados na campanha do colega

Ex-colegas ajudam candidato

ADRIANA BARSOTTI

RIO — Assim como o candidato que apóiam à Presidência da República, eles nunca participaram de uma eleição direta para presidente e não poderiam prever que, justo na primeira vez, teriam o prazer de votar num ex-colega do Colégio São Vicente de Paulo: Fernando Collor de Mello. Empresários bem-sucedidos, oito amigos de Collor, que não o encontravam há mais de vinte anos, resolveram convocar os 450 ex-alunos contemporâneos do candidato na escola para participarem da campanha e inaugurar um comitê no centro do Rio no próximo mês.

O rápido crescimento da candidatura Collor e a lembrança da amizade de infância fizeram com que Roni Vanselow,

Paulo Valença, Ricardo Lowndes, Marco Berardo Carneiro Cunha, José Paulo Pinho, Eduardo Lampréia, Cláudio Dallalana e Nelson Modesto Leal superassem sua aversão pela política e se engajassem na campanha presidencial. Mas eles avisam que não pensam em cargos no governo. "Ninguém aqui quer ser ministro ou presidente de estatal", antecipa Carneiro Cunha.

É para garantir a "tranquilidade" para o País e preservar a livre iniciativa que os oito amigos de Collor passam boa parte do dia telefonando para os antigos colegas de colégio e arquivando nomes num computador. "Dos 450 alunos do nosso tempo de São Vicente, já contamos 250 e o índice de rejeição não chega a 5%", exulta o engenheiro Paulo Valença.

Do ex-colega e hoje candidato, eles ressaltam a lealdade e o inconformismo, ao lembrarem o episódio em que Collor fundou um jornal concorrente ao que já circulava no São Vicente. "Ele já queria renovar as coisas", conta Roni Vanselow. Do mais cotado candidato nas pesquisas, eles destacam a "modernidade" e "honestidade", enquanto criticam os adversários. Ulysses Guimarães é classificado pelo analista de sistemas Cláudio Dallalana como "múmia do Planalto". Já Leonel Brizola é criticado por "ter negócios" no Uruguai, por não acreditar no País. Para Dallalana, Collor tem sido alvo dos demais candidatos porque "o Brasil deles termina daqui a cinco anos enquanto o nosso continuará", ironiza.